

Na minha primeira visita a doente apresentava: dôr em todo o corpo, febre, e cephalalgia intensa. Informaram-me que a doente na vespera tomára um banho frio estando menstruada, do que resultou a supressão do fluxo menstrual e logo depois achar-se incommodada. Prescrevi uma infusão de especies sudorificas, e mandei applicar sinapismos nas coixas. Em minha segunda visita, no dia immediato, encontrei a doente no mesmo estado, com a unica differença de lhe haver reaparecido o fluxo menstrual. Confesso que não pude formar diagnostico. Foi repetida a infusão do dia antecedente.

No terceiro dia de visita, e quarto de molestia, achei a doente muito abatida, mas sem febre, tendo tambem desaparecido a cephalalgia e diminuido as dôres que a doente accusava em todo o corpo. Examinando-a minuciosamente encontrei no rosto e em todo o corpo manchas, umas encarnadas do tamanho e semelhança de mordeduras de pulgas, e outras, muito maiores de côr arroxeada, assemelhando-se ás echymoses provenientes de contuzão.

Era a primeira vez que se me apresentava a occasião de observar um caso de purpura, molestia rara nesta provincia, e julgo que em todo o Brazil, e da qual eu tinha conhecimento sómente da leitura de obras medicas.

Prescrevi o sulfato de quinina em pilulas, tomando a doente depois de cada pilula um calix de limonada sulfurica bastante acidulada.

No outro dia de minha visita a doença apresentava-se com todos os caracteres da *purpura hemorrhagica*. Das gengivas brotava sangue, do nariz tambem, e apparecera igualmente a hemoptyse. Por uma ou outra das manchas de maior dimensão se dava tambem a hemorrhagia. Ao que seriam devidas as hemorrhagias? Seriam á propria molestia, que de simples se tornara em *purpura hemorrhagica*? Seriam devidas ao sulfato de quinina? *Doutroulau (maladies des europeens dans les pays chauds)* notou em certas epidemias de febre amarella que o sulfato de quinina muitas vezes produzia hemorrhagias abundantes. Não se dará o mesmo com a *purpura*? O Dr. Julio Rodrigues de Moura em uma observação sua (*Gazeta Medica* de 31 de Agosto de 1871) diz ter lido no *diccionario annual de Garnier (1867)* 4 observações do Dr. Nepan de doentes que, sob o uso de sulfato de quinina, foram atacados de *purpura*.

Fossem as hemorrhagias devidas ao sulfato de quinina; fossem devidas á propria molestia, que, de simples, se converte em *purpura hemorrhagica*, o que é facto é que entendi dever suspender o uso do sulfato de quinina, que foi substituido por uma poção com xarope de canella e tintura de perchlorureto de ferro.

Com este tratamento a doente se restabeleceu em 15 dias, mais ou menos.

Quaes as causas que deram origem á molestia da nossa doente?

A etiologia da *purpura* é ainda muito obscura.

São uns de opinião que a purpura acompanha a convalescença de certas molestias; v. g. febre typhoide, escorbuto, escarlatina, certas cachexias, etc. Outros pensam que a má e insufficiente alimentação, a habitação em lugares humidos, baixos e mal arejados, são outras tantas causas de desenvolvimento da *purpura*.

A habitação nos lugares pantanosos tambem é citada no numero das causas da *purpura*.

O professor Hebra, de Vienna, diz que a *purpura* só se desenvolve sob a influencia das causas acima enumeradas, mas que apparece tambem em condições inteiramente oppostas; por que, diz elle, a molestia ataca individuos fortes, que se alimentam bem, e vivem em optimas condições hygienicas.

Cumpre-me dizer que a minha doente vivia em pessimas condições hygienicas.

Talvez isto, acompanhado de rapida supressão do fluxo menstrual, fosse a causa pre-disponente da molestia.

Pará 17 de Abril de 1874.

#### ESTUDO PRATICO SOBRE FEBRES PALUSTRES

Pelo academico Ribeiro da Cunha.

(Continuação do n. 139)

A terceira observação, que versa sobre um caso de febre perniciososa, é uma das importantes que têm havido no curso actual de clinica medica. O tratamento foi feito com tanta pericia, que este caso, por si só, é uma das glorias clinicas do illustrado professor—o Sr. Dr. Faria.

No dia em que o doente apresentava os primeiros symptomas da perniciosidade mal, em que a organização, abatida

vida intima da innervação, annunciava á intelligência do medico que o cerebro ia ser gravemente affectado pela infecção palustre, em que os nervos vaso-motores ião ser paralyzados, dando lugar á congestão de um órgão tão necessario ás funcções da vida, o distincto clinico de nossa Faculdade empregou sem demora o sulfato de quinina em alta dóse para combater energicamente o envenenamento miasmatico, que cada vez mais se estendia.

Deste facto clinico, que sempre citarei com a maior satisfação, deixa-se ver que nas febres palustres deve-se dar em dóse muito elevada o sulfato de quinina, logo que tende o doente a cabir em estado adynamico pronunciado, que perde sua physionomia a expressão viva da intellectualidade, tornando-se estúpida, transformando-se em uma mascara impassivel. Este symptoma do habito externo nos mostra perfeitamente que o cerebro vai ser compromettido; nesse caso não ha tempo a perder: o medico deve ser diligente, a therapeutica deve ser energica.

Chamo agora a attenção do leitor para as observações thermometricas que fiz no caso em questão, tanto de manhã como á tarde. Comecei este trabalho no dia 23, e acompanhei toda a marcha da moléstia com a applicação do thermometro em relação ao pulso e á respiração, feita segundo todas as regras clinicas conhecidas.

Na occasião em que revestia a febre o caracter pernicioso, o thermometro marcou na axilla a temperatura de 39°,2; d'ahi a 4 horas esta temperatura se achava muito escultada: marcou o thermometro 41°,0. No dia 23, em que houve esta mudança de calor, de 37°,8 subio a columna mercurial a 41°,0 no espaço de 7 horas! Esta ascensão calorifica marca mathematicamente a complicação perniciosa.

Antes de attingir á cifra normal, desceo a caloridade á 36°,4. Póde ser devido este facto á dóse exagerada do sulfato quininico, empregada nesse dia. O especifico já havia combatido em parte o envenenamento: sendo muito alta a dóse do medicamento, deo-se a hypsthenisação em pequeno gráo. Eis-aqui uma explicação razoavel: basêa-se em physiologia e pathologia.

Na convalescença vê-se que a temperatura não vai acima de 37°,8, nem abaixo de 37°,4. Entre a temperatura observada de

manhã e a temperatura observada á tarde, ora a differença é de 1 decimo, ora de 2, ora de 4.

O pulso e a respiração entretêm relações interessantes com a temperatura.

Para bem apreciar as mudanças da caloridade em relação ao pulso e á respiração, apresento aqui um quadro bastante minucioso, o qual deve prender a attenção do leitor.

*Quadro da temperatura, do pulso, e da respiração.*

Dias		Manhã	Tarde	Differença
23	T.	37°,8	41°,0	3°,2
	P.	110	150	40
	R.	40	30	10
24	T.	38°,2	39°,8	1°,6
	P.	100	92	8
	R.	25	32	7
25	T.	36°,4	37°,4	1°,0
	P.	70	74	4
	R.	20	22	2
26	T.	37°,4	37°,6	0,2
	P.	70	86	16
	R.	20	32	12
27	T.	37°,4	37°,8	0,4
	P.	78	78	0
	R.	20	28	8
28	T.	37°,7	37°,8	0,1
	P.	76	74	2
	R.	24	22	2
29	T.	37°,4	37°,6	0,2
	P.	66	80	14
	R.	24	24	0

Deste quadro vê-se que a differença entre a temperatura, o pulso e a respiração nem sempre é proporcional. No 1.º dia a temperatura cresce de 37°,8 a 41°,0, o pulso de 110 sóbe a 150, e a respiração de 40 desce a 30; no 2.º dia a temperatura á tarde sóbe 1°,6, o pulso desce de 100 a 92, e a respiração de 25 sóbe a 32. No 6.º dia nota-se um facto interessante: o thermometro sóbe de 37°,7 a 37°,8, o pulso de 76 desce a 74 e a respiração de 24 desce a 22. No ultimo dia o thermometro sóbe de 37°,4 a 37°,6, o pulso

de 66 vai a 80, e a respiração não apresenta modificação.

**5.<sup>a</sup> Observação.—Clinica do Dr. Faria.**

Febre intermittente simples: cura.

Custodio de Barros Lima, branco, casado, natural de Portugal, maritimo, de 33 annos de idade, e constituição forte, entrou para o hospital da Caridade no dia 15 de Março do corrente anno, e occupou o leito n. 4 da enfermaria de S. Francisco.

Este doente soffreu de molestias venereas e syphiliticas, sarampo e variola. Na viagem que fez o anno passado de Pernambuco para o Rio Grande do Sul lhe appareceo o primeiro accesso da febre miasmatica. Veio depois á Bahia, onde está ha 4 mezes pouco mais ou menos. Vendo que não melhorava, procurou o asylo do hospital.

Dia 28 de manhã.—Tem forte cephalalgia frontal, fastio, calor intenso na cabeça e nos olhos, frio nas extremidades inferiores; tem urinado, a urina é de côr carregada; o ventre acha-se embaraçado; não pôde conciliar o somno; sente fraqueza geral; a lingua é saburrosa; tem muita sede.

Temperatura—39°,0; Pulso—90; Respiração—22.

Dia 28 á tarde.—Acha-se em estado apyretico; sua physionomia revela animação de espirito.

Temperatura—37°,2; Pulso—74; Respiração—19.

Dia 29 de manhã.—Periodo de febre. Não-se mais ou menos os phenomenos observados na manhã antecedente.

Temperatura—38°,4; Pulso—92; Respiração—22.

Dia 29 a tarde.—Periodo de apyrexia.

Temperatura—37°,5; Pulso—72; Respiração—18.

Dia 30 de manhã.—Temperatura—37°,2; Pulso—78; Respiração—20.

Dia 30 á tarde.—Temperatura—37°,3; Pulso—72; Respiração—18, lenta.

Dia 31 de manhã.—Temperatura—37°,4; Pulso—70; Respiração—20.

Dia 31 á tarde.—Temperatura—37°,5; Pulso—70; Respiração—18.

Tratamento:

Dia 15 de Março.

Mistura salina simples—750 grammas.

M. Para tomar aos calices.

Dia 16.

Agua ingleza—1 garrafa:

Para tomar aos calices.

Dia 18.

Sulfato de quinina—1 grammas.

D. em dois papeis. Para tomar depois do accesso.

Dia 22.

Infusão de sene tartarizado—156 grammas.

M.

Dia 28.

Sulfato de quinina—2 grammas.

Agua—300 grammas.

Acido sulfurico—q. b.

Dissolva e ajunte:

Sulfato de magnesia—40 grammas.

M. Para tomar aos calices.

Dia 4 de Abril.

Sulfato de magnesia—64 grammas.

7 de Abril.

Vinho quinado—500 grammas.

Sahio perfeitamente curado.

Guardão neste caso relações mais proximas entre si as mudanças da temperatura, do pulso e da respiração. No 1.º dia de manhã cresce a temperatura, e com ella tambem o pulso e a respiração. O mesmo se nota no dia seguinte. No 3.º dia á tarde sóbe a temperatura, e baixão o pulso e a respiração; á esta se assemelha mais ou menos a observação do ultimo dia.

**6.<sup>a</sup> Observação.—Clinica do Dr. Faria**

Febre intermittente simples: cura.

Voyietec, colono, natural da Prussia, de 12 annos de idade, entrou para o hospital da Caridade no dia 31 de Março de 1874, e occupou o leito n. 21 da enfermaria de S. Francisco.

Dia 31 de manhã.—Decubito lateral; cephalalgia frontal muito intensa; face congesta; conjunctivas muito coradas; lingua humida e vermelha; dôres abdominaes, que se exaltão sob a mais ligeira pressão; pelle secca e quente; dôres lombares que augmentam com os movimentos do corpo; sede insaciavel; anorexia; ventre embaraçado; urina rara e de côr carregada; fraqueza muscular; abatimento do espirito.

Temperatura—41°,2; Pulso—140, muito frequente e cheio. Respiração—44.

Dia 31 á tarde.—Está sentado no leito; conserva-se tranquillo; tem o rosto pallido, risonho, o olhar mais animado; a urinação é livre, o ventre desembaraçado.

T.—37º,4 P.—96; R.—26.

Dia 1 de Abril de manhã—Periodo de febre. Observão-se mais ou menos os phenomenos do dia antecedente.

T.—38º,0; P.—108; R.—24.

Dia 1 á tarde.—Periodo de apyrexia.

T.—37º,6 P.—86. R.—22.

Dia 2 de manhã—Acha-se muito animado; seo estado geral é bastante lisongeiro.

T.—37º,1; P.—80. R.—22.

Dia 2 á tarde.—Nada de novo.

T.—37º,2; P.—80; R.—28.

Dia 3 de manhã—Estado satisfactorio.

T.—37º,2; P.—80; R.—24.

Dia 3 á tarde.—Nada de novo.

T.—37º,2; P.—64; R.—21.

Dia 4 de manhã—Continúa a passar bem.

T.—37º,3; P.—69; R.—20.

Dia 4 á tarde—Acha-se mais forte.

T.—37º,5; P.—72; R.—24.

Tratamento:

Dia 31 de Março.

Oleo de ricino—32 grammas.

M.

Sulfato de quinina—50 centigrammas.

Para tomar em duas doses logo depois do accesso febril.

Fez ainda uso deste medicamento por dois dias.

Neste exemplo clinico, observado em um menino de 12 annos de idade, nota-se que nos dois primeiros dias se acham na mesma proporção as relações entre a temperatura, o pulso e a respiração. No 3.º dia á tarde, ao mesmo tempo que sóbem a temperatura e a respiração, conserva-se o pulso sem modificação. No 4.º dia á tarde, ao mesmo tempo que descem o pulso e a respiração, não muda a temperatura; no 5.º dia, finalmente, nota-se a mesma proporção nas modificações observadas nos dois primeiros dias.

(Continúa.)

DA VACINAÇÃO E REVACINAÇÃO COMO MEIOS DE CONJURAR A VARIOLA, DE ATENUAR OS SEUS ESTRAGOS E DE EXTINGUIR AS EPIDEMIAS DESSA MOLESTIA.

Pelo Dr. Baptista dos Santos

(Continuação)

### Utilidade da vaccinação

A frequencia da variola nas pessoas vaccinadas deu lugar a que os adversarios da vac-

cina a declarassem não só nulla em seus effeitos, mas tambem nociva e causa productora de muitas outras molestias que affligem a humanidade nos tempos que correm

Elles aconselhão de a substituir por medicações preventivas.

Os homoeopathas administrão sob o nome de *variolarina* o virus variolico em doses infinitesimales e acreditão obter uma erupção exanthematica que considerão como a variola, sob a fórma de uma molestia benigna.

Durante a epidemia de bexigas que, em 1870, tantas victimas fez em Paris, epidemia cuja gravidade e intensidade forão em grande parte devidas á desgraças porque passou essa nação heroica nos dias luctuosos da guerra franco-prussiano e dos desvarios da communa, um medico, membro da Sociedade de Medicina pratica, prescreveu com toda a força as revaccinações, dizendo que a variola, molestia que em geral inspira tanto terror, deve ser considerada como uma molestia ligeira. Para a abortar ou a reduzir a uma affecção das mais benignas, era bastante, dizia elle, recorrer aos derivativos, aos emeto-catharticos e aos drasticos; e que sob a influencia de evacuentes energicos a cura seria completa no fim de alguns dias, sem que o doente apresentasse o mais ligeiro traço revelador dessa molestia.

Os accidentes graves consecutivos á vaccinação são numerosos, accrescentava elle, e é mais conveniente não vaccinar e deixar a criança nas condições de contrahir a variola, molestia tão facil de curar-se, do que praticar-lhe uma operação que, em vez, de a preservar, se tornará causa de sua morte; e termina dizendo que se tivesse filhos nunca os vaccinaria.

Esta theoria tão estranha não é original; é a repetição dos argumentos apresentados pelos adversarios da vaccina, quando della se occupou a academia de medicina, e dos quaes vamos dar alguns specimens; felizmente ella não encontrou apoio na sociedade de medicina pratica, que combateu taes asserções tão energica e victoriosamente como havia feito a academia de medicina.

Não existem argumentos, por mais capciosos que sejam, dos quaes não se tenham servido os adversarios da vaccina para a guerrear; e quasi sempre esses argumentos têm concorrido para embaraçar sua propagação.

Iriamos muito longe se quizessemos tentar responder a todos os ataque de que tem sido victima a vaccinação; e; pois, concluiremos assegurando: que a vaccina é o unico preservativo